

Cláudia Andrade

ELSINORE



UM POUCO
DE CINZA
E GLÓRIA

«Uma das vozes
mais singulares
na literatura
portuguesa
mais recente.»

Público

|

NO INÍCIO DA EPOPEIA, OS OSSOS CHOCALHAM

A noite, já depois do toque de recolher, Ariel fugiu de casa para ir ver o inimigo entrar na aldeia. A casa do alcaide estava iluminada em cada uma das suas janelas, como se em festa, enquanto todas as outras casas da povoação, imóveis e negras, imitavam monólitos na noite. Um alinhamento de lanternas exteriores iluminava a gravilha e esperava o inimigo, ainda invisível, mas em marcha para a reunião que — toda a gente o sabia — tinha como propósito apertar mãos políticas com o alcaide.

O plano de Ariel era simples: esperá-los em sentido na berma da estrada fazendo-se parte da recepção, e, quando chegassem perto o suficiente, apedrejá-los. A mãe matá-lo-ia se o sonhasse ali, mas ele sabia que a única coisa verdadeiramente censurável era o medo.

Recordava muitas vezes o rapaz fuzilado que, antes de o matarem, costumava sentar-se no muro com os outros rapazes. Não o tinham salvado o seu impressionante estômago, amen-doins como cetáceos pulando num mar alto de cerveja, o poderoso assobio capaz de atrair todos os cães, ou os olhos sombrios, abismos colossais onde todas as mulheres caíam. Como Óscar, era magnífico e invulnerável. Por isso tinha sido tão confuso para Ariel vê-lo levado de arrastão e a espernear até ao muro do

cemitério, uma vez que eram os nossos que o faziam. Fez muitas perguntas, então. E, embora Óscar tivesse emudecido, um circunstante pusera-o às cavalitas para melhor poder observar a execução, enquanto lhe explicava que o matavam porque tentara fugir em vez de lutar.

Ariel passou noites a revoltar-se de remorso, hesitando em chamar o irmão que sentia também acordado junto à parede oposta do quarto, e revelar-lhe que também em si, secretamente, se ocultava esse vergonhoso apego à vida. Esperava que o irmão o desculpasse e o estrangulasse rápido pelas próprias mãos, libertando-o de uma vez da infâmia e da angústia. Mas pouco depois, antes que Ariel tivesse oportunidade de se lhe confessar, Óscar sofreu uma morte espalhafatosa que o fez propagar-se ao longo de metade do campo de cultivo. Só então Ariel ganhou fôlego para o chamar na noite. Em resposta, uma coruja piou num tom indecifrável.

Muito contrariamente a si, Óscar era um verdadeiro valente. Dera pulos de alegria quando o chamaram para combater, e doía pensar que teria bastado pisar a mina decisiva com um atraso de alguns dias para que os pedacinhos ensanguentados que os pais conseguiram recolher viessem embrulhados já no verde dos heróis, o verde que transformaria a sua morte em glória e a não deixaria remeter-se ao esquecimento que cabe aos acidentes, ainda que trágicos.

A evidência de que os homens fugiam da guerra porque tinham medo de morrer e o facto de esse medo ser meio caminho andado para ser morto faziam Ariel despenhar-se constantemente numa espiral infinita, nauseante, impiedosa. Tinha mais medo do medo do que da soma de todas as coisas que lhe

metiam medo, e, por isso, fazia tanta questão de o manter sempre por perto, de nunca lhe dar as costas. Quanto mais covarde se sentia, tanta maior bravura tinham de mostrar as coisas que se obrigava a fazer.

Depois de Óscar se desintegrar, o pai voltou. De onde, Ariel nunca soube. O pai era velho, tinha a idade dos avós das crianças da sua idade, por isso era também inapto para a guerra e para a glória. Voltou calado e inútil para tudo o que não fosse velar a tosse e o choro da mãe. Era um homem estranho, o pai, e Ariel intuía a possibilidade de nele habitar um medo secreto gémeo do seu, que o enojava.

Não dava particular crédito ao que o pai dizia. Por exemplo, o facto de ele garantir que o miúdo enforcado não passava de um monte de trapos velhos ao abandono num estendal partido, não atenuava a certeza de que o morto era o que era. O soldado que lhe apontara pela primeira vez esse volume balouçante ao longe, abanando Ariel pelo cachaço e rindo, tinha de repente ficado muito sério e respeitoso ao relatar como o miúdo havia combatido como três adultos num só antes de o inimigo o executar. Providenciara assim a contraditória e desorientadora noção de que, por vezes, também a coragem conduz à morte.

Ariel ia apenas apedrejar o inimigo, não lutar por três, e já por tão pouco as tripas se lhe emaranhavam todas. A caminho dali tinha subido ao campanário da igreja para adivinhar no escuro o miúdo enforcado a nordeste, no promontório contíguo à aldeia vizinha. Parecia-lhe que pensar nele era pensar em si mesmo, numa versão mais serena de si, invulnerável ao medo, às pessoas e ao tempo, defendendo com bravura os grandes segredos da morte. Embora fosse divertido quebrar os sigilos do

além, de noite, ao ouvido de cada amigo que dormisse, e rir depois um riso tenebroso e tonitruante que os assustasse a sério.

Ria ainda de si para si quando tropeçou numa cadeira tombada no pátio das festas. Caiu, magoou-se e magoou o cachorro que acomodava no casaco. Abriu caminho a pontapé por entre os despojos do casamento desse dia, mais cadeiras, cacos de vidro e fitas coloridas, espreitou indetectado, no contorno limítrofe da luz do alcaide, os homens cinzentos, e partiu na direcção da estrada por onde imaginava que eles entrariam.

Na fronteira do império dos grilos e dos mochos, onde se sentou para esperar, ainda beijava o bicho com remorso. Encostou-o mais a si, quedou-se a ouvir o concerto familiar dos animais nocturnos, os silvos e respectivas explosões de bombas longínquas, o ranger suave do menino enforcado do outro lado do vale, ao sabor da brisa da noite, a sua própria voz cantando baixinho. Lembrou-se de repente de que precisava de pedras e com a mão livre apanhou algumas de tamanho médio, metendo-as nos bolsos. Então o cachorro ficou impaciente, debateu-se até Ariel o libertar e pôs-se a deambular de um lado para o outro, uma pequena, tropeçante e vaga silhueta negra. Dando alguns passos dispersou-se no cinzento prateado da lua cheia. Ariel permaneceu imóvel enquanto o algodão da noite se acumulava na sua garganta em espera e o asfixiava. Caiu de gatas prestes a soluçar e apalpou o nada a toda a volta até sentir, com um alívio absoluto, um bicho sedoso que devolveu ao casaco.

Passados uns minutos, ouviu algo ténue, como se a noite se tivesse movido furtivamente. O rumor prosseguiu, longínquo, e parecia definir-se em passos. O menino enforcado, rangendo

e balouçando, ofereceu a Ariel um toque glacial transformando-se logo em seguida num arbusto. Os passos recrudesciam, traziam consigo, cada vez mais próximos o momento de provar a coragem, e Ariel recolocou o cachorro no chão, o qual desta vez ganiu, já sonolento. Rodopiavam em si o pó do irmão morto de coragem e do amigo sacrificado por cobardia, misturados com o pó de ouro dessa coisa incompreensível e rutilante que é a glória, tudo a turbilhonar-lhe no peito e a tornar-lhe impossível o respirar. Os passos nunca mais chegavam nem pareciam agora aproximar-se de si, mas revoltar o mato cerrado em círculos impossíveis. Por fim, calou-se tudo menos o sangue por debaixo da pele, que tentava alcançar o tropel avassalador do silêncio. Ariel caiu de joelhos, esfolou os braços na escuridão aguçada e não saberia dizer se o ganido saiu do cachorro, ou da sua própria voz. Enfiou-o o bicho bruscamente no casaco, livrou-se das pedras e saiu a correr para casa.

A VIRGINDADE É UM FURÚNCULO RELUZENTE ENTRE AS MINHAS UNHAS

Erasmão estava satisfeito e contava, de fonte segura, que todas as localidades que haviam chegado a consenso com o adversário prosperavam. Descrevia como se alambazavam de carne seca e chocolate, como tinham tantos e tão bons medicamentos que era um gosto estar doente, como se podia andar pelas ruas à vontade, a cantar e a dançar como antes da guerra, e melhor ainda.

Balbina sorria e descascava as batatas para o jantar. Estava também entusiasmada com a rendição. Fechando os olhos, viu meia dúzia de soldados grandes, belos, cruéis, embrutecidos pelas experiências terríveis e pelo álcool da comemoração irromperem porta adentro. Olham Balbina e fazem comentários grosseiros, obscenos. Alguns desapertam a braguilha e masturbam-se, mesmerizados com as suas ancas opulentas. Um liberta a mesa posta com um gesto amplo do braço fazendo a louça estilhaçar-se, enquanto outros dois a agarram e a forçam sobre o tampo. Todos vêm espreitar o interior das suas coxas, grunhindo de entusiasmo, e possuem-na, um a um, enquanto o pai se encolhe a um canto como o seu habitual olhar de reprovação.

O pai aponta para si e diz algo, e ela como que lhe sorri, rilhando os dentes e dilatando as narinas, e o pai insiste em apontar,

franzindo o sobrolho, até ela reparar nas batatas vermelhas de sangue. Balbina lava a mão e avalia a profundidade do golpe. Algo decepcionante. Aprendeu a apreciar a dor e os seus cambiantes, pequena pedra preciosa a ressaltar e a animar o charco estagnado do seu ser. Afastou os rebordos da ferida com os dedos da outra mão recrudescendo assim o latejar e executando uma pequena ofensiva contra a frouxidão do corpo e do espírito, contra a dormência dos seus passos ao longo da casa morta.

O pai insistiu para que fosse colocar um penso, e ela obedece, alheada. O seu útero também sangra, ainda, mas não por muitos mais anos. Apesar de educada sobre a mecânica da procriação, Balbina nutre dúvidas profundas sobre a veracidade de tal dispositivo. Parece-lhe uma mera fábula, tão ou mais improvável que a multiplicação dos peixes. A incapacidade de ligar a ânsia e o desespero, os arremessos, a obscenidade das mucosas e o êxtase — coisas reais, que pode intuir em si e que os animais fazem às claras — com o engendrar de mais uma pessoa a depositar no mundo, é, simplesmente, demasiado absurdo. Faria mais sentido do que o urdir da vida humana se produzisse com o esgravatar da unha materna no ventre, uma ferida que crescesse paulatinamente e se abrisse a coberto da roupa. Dos pedacinhos de carne adubada pela sujidade e sebo da polpa dos dedos, brotaria o novo homúnculo.

Balbina tranca a porta do quarto pelo hábito, mas volta a destrancá-la após um momento de reflexão. Mutações secretas congeminam já para destrancar todas as portas, as animadas e anárquicas roldanas da História, invisíveis e colossais, vêm a caminho para esmagar o pai, a casa com o seu bricabraque decrepito e a sua própria, irresolúvel, virgindade crónica.

Deita-se na cama de barriga para baixo, entreabre as coxas e introduz o dedo ferido na vagina. Tem a masturbação como única actividade em que é realmente o prazer a significar prazer, em todas as outras é só na dor que o encontra. É consequentemente a acção que usa para atestar a sua sanidade. O latejar agudo do dedo ferido perverte, no entanto, esse exercício, e torna todo o seu ser negra e reconfortantemente unívoco no rápido clímax que se segue.

Erasmus não havia alterado a sua posição à mesa, de costas para a porta, curvado. O sangue coagulava nas batatas. Ao pai não lhe ocorreria nunca a decisão de se erguer para lavá-las. O único labor que Balbina o via cumprir, com vigor e método, era o coçar da auréola nua na parte de trás da cabeça, sempre sanguínea e disparando caspa, e ela revia naquela bola sarnenta a representação do círculo perpétuo da sua própria resignação imunda.

Balbina atirou ostensivamente as batatas para dentro da panela ao lume e foi até à janela. O domínio musical dos grilos sobrepunha-se largamente aos longínquos sibilares da guerra, e a Lua era, naquela redondez perfeita, uma promessa de imutabilidade. Balbina sofria com essa aparência de paz. Tinha pressa.

III

AS LARVAS ROEM VOLUPTUOSAMENTE

Fredo e Cora abraçam-se na cama pela primeira vez. Cora tenta refazer a medo, no corpo dele, o trajecto que os dedos dele haviam seguido no seu há uns minutos. Vê-o silencioso, imóvel, como que ausente, e lamenta profundamente o receio anterior. Avança resolutamente a mão para o seu sexo, e ele sobressalta-se e trava-a pelo pulso.

— Eles verão as flores — Fredo prossegue em voz alta uma já adiantada discussão interior. — Verão os cães comendo os ossos da festa, o arroz mal varrido no adro da igreja, as serpentinas. Perguntarão quem casou, e virão bater-nos à porta.

— Estás a imaginar coisas — repete Cora.

— Perguntarão se a noiva é jovem, e bonita, e lerão no silêncio e no baixar das cabeças de todos a confirmação. Quererão a minha primeira noite.

— Então não deixes que a tenham — sussurra-lhe ela ao ouvido, recomeçando a viagem dos dedos.

— Quando virem que não sou inteiro, se é que não vêm já informados, será pior.

O seu braço único, com que enlaça Cora, retira-se e estende-se na direcção do tecto para se contrapor ao fantasma do outro braço, ausente.

— Olha para mim. — Cora ergue-se sobre um cotovelo e incendeia o fundo das íris com a duplicação sobrenatural do candeeiro da cabeceira. — Nada de mal nos vai acontecer. Estás assim tão triste porque te sentes feliz. És sempre assim.

Beija-o e deita-se de costas entreabrindo as coxas, mas ele não a segue e ela fica a abanar os joelhos, um pouco embaraçada. Algo lhe aconteceu desde que a noite começou, uma suave metamorfose. O corpo perdeu todo o medo em prol do desejo, uma ameaça de prazer tacteia sensível, quase sólida, o baixo-ventre.

Fredo parece avaliar por entre os dedos abertos as rachaduras do tecto. Uma orquídea cai do arranjo central da mesa dos noivos, o qual as abelhas abandonaram há horas e as moscas principiam a habitar. Rola sobre a mesa, tomba no chão de terra. Um par de botas oficiais marcha lá fora, entre outros pares de botas oficiais. Que o destino das botas se cruze com o da orquídea é ainda insuspeito, e mais ainda que do seu encontro germine a semente da aniquilação. Mas Fredo sabe, com o saber das vísceras, que acontecerá exactamente assim. A bota esmagará a orquídea e inspirará o soldado à destruição de algo belo.

Cora levanta-se, fica de pé na sua frente. Baixa-se para apagar a fímbria da camisa de dormir junto aos tornozelos e sobe-a devagar, revelando-se pelo caminho. Fredo olha-a, branca, lisa e magra. É a primeira vez que a vê assim, e só lhe ocorre dizer que tem um corpo de criança. Ela cobre-se apressadamente e senta-se na cama, o queixo a tremer.

— Não sentes desejo por mim.

Fredo hesita movendo os lábios sem som, e obriga-se a recomençar as carícias. Acaricia-lhe primeiro os seios, depois as nádegas, sem convicção. Em seguida, faz a camisa de dormir

percorrer todo o percurso de desnudamento até sair por sobre a cabeça. Vê Cora implacavelmente nua. Vê-lhe a nudez simples, a da inexistência de roupa, e, para lá dela, um vazio maior, como se ela trouxesse o deserto no corpo e o seu toque ameaçasse condená-lo à mais excruciante solidão.

— Os soldados chegam às aldeias e procuram as jovens, as virgens, para violar — Fredo recita a tabuada do destino —, sempre foi assim e sempre será.

— Não preciso chegar virgem ao fim desta noite — murmura Cora e aninha-se contra ele. Aquilo envolve-o como um temor ancestral, e Fredo defende-se, soltando-se dela.

Cora olha-o com estranheza e ressentimento.

— Acho que também não chegarei jovem ao fim desta noite.

O pátio coberto com os despojos da festa é o coração da aldeia, o seu ponto central, e todas as artérias empedradas desaguardam nele. As botas precisam necessariamente de passar por lá a caminho da casa do alcaide. Cora atrapalha-se, tentando repor a camisa de noite. A qualidade diáfana daquele corpo, magro e minimal, que convida a olhar através de si como um vidro baço, inspira Fredo a ensaiar uma versão inócua. A bota esmagará a orquídea, mas o soldado apressado, ao invés de uma inspeção arguta aos enfeites e aos despojos da festa, lançará o olhar fixo para longe, acossado por outras ânsias, não considerará a existência de uma noiva ou o potencial do seu corpo por estrear. O pátio amplo e liberto pelos dois dias de dança desenfreada convidará os soldados à passagem, e nada mais.

— Sei que não tenho peito nenhum — desculpa-se Cora ainda sem conseguir vestir-se devido ao tremor das mãos, mas tapando-se com a camisa.

E ele sem saber explicar-lhe que não é só o peito que está ausente, que toda ela é de uma aridez azulada, que não passa de uma mera sugestão de éter como um ente celestial ou uma criatura do outro lado da morte, feita de qualquer coisa vaporosa e translúcida que o seu próprio corpo, sólido, não sabe utilizar.

Ainda assim fá-la deitar de costas, beija-a atabalhoadamente e tenta penetrá-la, mas o seu pénis está letárgico. O brilho do candeeiro junto ao rosto cega-o, e então ocorre-lhe: a ala leste do pátio da festa de casamento abre-se para a grandiosidade do levante. O homem das botas oficiais, segurando pela cauda, com nojo, a orquídea esmagada, terá à sua frente a licenciosidade côncava do vale, a estrada coleante, a redondez lasciva e escarlate do sol nascente, a juventude do dia. Seria impossível evitar a incontornável ideia.

— Temo que o nosso casamento tenha sido um final e não um início — diz-lhe olhando-a nos olhos pela primeira vez desde o início da noite.

— És estúpido e cruel — responde Cora.

Empurra Fredo para que saia de cima dela, o que ele faz, lentamente, enquanto ela chora e veste a camisa de noite. Depois ambos, sem saberem o que fazer, colaboram em ajeitar os lençóis. Viram-se as costas e apagam as respectivas luzes.

No escuro, repousando o corpo sem desejo, Fredo é capaz de jurar que está só naquela cama, como sempre esteve.

IV

AGARRA-TE BEM AO FIO QUE NOS UNE

Calisto travou a subida à mulher com gestos peremptórios a partir da base das escadas. Também ela gesticulou, açoitando furiosamente o ar e apontando acima a porta por detrás da qual Ariel, segurando ainda o cachorro de encontro ao peito, tentava controlar a respiração e rezava para que a mãe não tivesse notado a sua ausência ou chegada. Calisto venceu a silenciosa disputa acomodando-se no sofá e acariciando o lugar a seu lado. Muriel desceu e aceitou o convite por um momento, usufruindo do abraço do marido. Mas era como se as prosaicas palavras dele lançassem chamas ao assento. Ergueu-se de um salto e recomeçou a deambulação de barata tonta pela sala e vestibulo em gestos desnecessários.

Ele dissertava sobre o arranjo das águas-furtadas: os toros tinham sido um achado, impecáveis no único canto intocado pelo fogo de uma igreja incendiada, e as telhas comprara-as a um preço impossível a um comerciante que encontrara a caminho de casa. Ria-se. Ela que imaginasse: ele a empurrar aquilo tudo por entre escombros, por caminhos lamacentos, tendo que pôr a tempos os próprios toros que carregava ao serviço de desatolar o carrinho de mão e voltando depois a atá-los bem atados e bem equilibrados pela enésima vez. Uma vez estava ele de cu para

o ar a amaldiçoar a vida, veio uma patrulha a trote. A vida toda a perpassar-lhe à frente dos olhos, e eles a ignorarem-no por completo, como se fosse invisível. Devem tê-lo tomado por um profeta louco a tentar transportar uma cruz de madeira e tijolo à aldeia mais próxima para ir pregar e anunciar o fim do mundo.

Muriel ouvia-o rir o riso de duas décadas antes, quando ainda ninguém conhecia o mal, e também os olhos dela lhe rejuvenesciam para voltar ao assombro de quando o namorou. Parecia-lhe que o marido ostentava uma calma inverosímil, qual suicida em repouso num beiral. Não sabia como interrompê-lo, estava furiosa e não discernia que forma dar à sua fúria. Experimentou chorar. Funcionou, ele calou-se. Então, Muriel tornou a narrar o seu mantra, a história dos azares e das angústias de Joana, a vendedeira. Desde que lhe tinham levado o marido não se lavava, não comia de vontade própria nem se preocupava em alimentar os filhos. Eram os vizinhos que se ocupavam das crianças, à vez, e dela também, mas de má vontade, não só pelas dificuldades próprias, mas pela convicção algo justa de que na guerra ninguém deve dar-se ao luxo de ficar maluco. Muriel agachou-se, costas de encontro à parede, agarrou-se à pequena mochila como a uma bóia de salvação e atirou-lhe com toda a hostilidade de que foi capaz.

— Eu não farei melhor, quando te levarem a ti.

Ainda não tinha desistido de o pôr a caminho com a mochila às costas, mas abstinha-se agora de implorar ou de o esmurrar no peito porque a contenda tinha-a posto exausta.

Calisto titubeou. Poderia acariciar-lhe a cabeça, mas tal gesto podia ser tomado como uma confirmação, um consolo *a priori* pela desgraça anunciada. Lembrou-se de repente de que tinha

de comprar cal, mas não o disse, para não devolver Muriel ao momento, umas semanas antes, em que haviam vertido o último balde sobre o destroço de carne e terra que havia sido o seu filho mais velho. Em vez disso, comentou que na vida pouca coisa havia de melhor ou mais reconfortante do que um telhado sólido sobre a cabeça, e uma chuvada a desafiá-lo.

Muriel comentou que o barulho da chuva se assemelharia demasiado ao tamborilar de um par de falanges fardadas a anunciarem-se à porta.

– Ou ele já não existe, ou seria melhor que não existisse.

– Quem?

– O homem da Joana. Em qualquer dos casos, não voltará. E saber nada é o mesmo que terem-lhe acontecido todos os horrores possíveis e impossíveis da imaginação.

Calisto acabou mesmo por lhe acariciar a cabeça, o que a fez recrudescer o choro. À falta de melhor expediente, resolveu-se a prosseguir a falar: depois de consertar o telhado, deitaria mãos à obra às canalizações. Os canos podres contaminavam a água que bebiam e os filtros improvisados funcionavam mal. Havia que conseguir tubos e uma solda. Não seria fácil, mas far-se-ia. Ariel quererá ajudar a picar a parede a toda a volta da cozinha.

Muriel já não se preocupava em interrompê-lo, por compreender que de qualquer forma não se dignaria ouvi-la. Falava por sobre a voz dele como por sobre uma intromissão de velhas memórias a repelir. Joana, desorbitada e a tremer, apontara a toda a volta do quintal. Muriel, atrapalhada, não percebia de início o que ela lhe queria dizer, mas depois compreendeu. Joana aludia à cerca que o marido construía. As mãos do marido com certeza horrivelmente mutiladas e, em vez delas, a lembrá-las,

aqueles ridículos cinquenta metros de madeira com rebites. Não, Muriel não queria o tal telhado novo que depois viesse lembrá-la de Calisto e das suas mãos. Queria as vigas podres, as infiltrações, queria as mãos dele inteiras, incólumes e capazes para as carícias. Queria-o fora dali nessa mesma noite. Na mochila que abraçava tinha colocado o pequeno rolo de notas do tijolo solto da lareira, um farnel e uma muda de roupa.

– Eles não sabem quem sou, não virão por mim. – Calisto erguera-a pelas axilas e encostava a boca ao seu ouvido.

– Saberão, sim.

Não seria difícil descobrir que o trabalho de Calisto na cidade nunca existiu, e a partir daí concluir o que andara a fazer nos dois anos que esteve fora.

Ele pegou-lhe nas mãos e mordeu o lábio inferior na preparação de uma informação fundamental. Contou-lhe sobre um prosador chinês que possuía um unicórnio de estimação que escondia no jardim à vista de todos os que passassem. O portão estava sempre aberto, e o animal era tão dócil que seria fácil de roubar. E, no entanto, o unicórnio, de tão implausível, passava despercebido. Os transeuntes tomavam-no invariavelmente por outra coisa qualquer, por uma brincadeira, um artifício vulgar, porque os olhos só vêem o que estão habituados a ver.

– Compreendes o que te digo?

Muriel chorou mais.

– Olha para mim, para este velho! Pareço-te bom para a luta?

Muriel, irada, confirmou. Podia vê-lo perfeitamente a liderar uma milícia, dormir ao relento encostado à arma, comer besouros, matar homens.

— Vêm buscar-te uma noite destas — disse-o como se ele o merecesse. Depois voltou ao tom queixoso. — Porque regressaste agora?

Calisto guiou Muriel de volta ao sofá e deixou-se afundar pesadamente ao seu lado. Voltou a explicar-lhe: uma noite, nos montes, enquanto tentava reconstruir o cão maior em volta de sírio e fumava no seu turno de vigia, acometeu-o a imperativa certeza de que estava na hora de regressar a casa e fazer um telhado de vigas fortes. Por isso ali estava, e ali estaria ainda que Óscar estivesse vivo e inteiro.

— É mentira. Voltaste porque soubeste da morte dele, e estavas com medo de que eu não o suportasse. É até possível que tenhas razão.

Muriel envolveu-lhe os antebraços fibrosos. Propôs que pensassem um plano, um recurso a executar no caso de alguém lhes bater à porta a meio da noite, uma ideia com a qual tecer um pequeno fio de segurança, por frágil que fosse. Calisto pensou um pouco, e disse-lhe que não. Todos os planos deverão ser feitos para a hipótese de ninguém vir, para a circunstância de lhes ser permitida a vida, a paz, e um telhado novo. Se alguma vez alguém viesse por si a meio da noite, então o tempo e a brutalidade definitiva do seu caudal seriam os melhores aliados que poderiam ter. Muriel largou a mochila como uma esperança morta, e as pálpebras morreram-lhe também, esquecidas de chorar.

Calisto beijou-lhe as mãos, depois soltou-as. Iria agora dar as boas-noites a Ariel, procurar que confessasse a sua digressão nocturna e perguntar-lhe o que vira ele afinal. A meio da escada, voltou atrás. Se Muriel queria salvá-lo, que subisse ao quarto e o esperasse nua, porque lhe ocorria uma ideia ou duas para demorar a eternidade. Mas ela nem sorriu.

AUTORA VENCEDORA DO PRÉMIO SPA 2020 PARA MELHOR LIVRO DE FICÇÃO NARRATIVA

Ariel quer imitar Óscar, o seu irmão mais velho, «um verdadeiro valente» que morreu dias antes de poder finalmente provar a sua coragem na guerra, onde andam todos os homens da aldeia. Nesta sobraram apenas os inaptos para a glória: as mulheres, as crianças, os demasiado velhos ou aqueles que, em segredo, carregam dentro de si um medo entranhado. Na aldeia, entre os que ficaram, cruzam-se histórias de vingança, de amor, de dor, de luxúria, de violência e de crime, histórias que colocam frente a frente aquilo que somos sob o peso dos nossos instintos mais primitivos face à figura etérea dos nossos desejos mais recônditos.

Depois de *Quartos de Final e Outras Histórias* e de *Caronte à Espera*, estreias amplamente elogiadas pela crítica, Cláudia Andrade compõe um romance coral, no qual, partindo dos retalhos das vidas de Fredo e Cora, Balbina e Mateus, Vidal, Calisto e Muriel, se cose a imagem da nossa própria humanidade.

«Anunciada como uma “nova voz no panorama literário”, Cláudia Andrade surge-nos como um daqueles casos raros em que o retrato promocional — muitas vezes distorcido, piamente ampliado, farsante —, se não acerta com o perfil literário que descreve, será apenas por comedimento.»

Teresa Carvalho, *Jornal i*

